

## **REBELDE *IN CHRISTO*: reflexões sobre Thomas Müntzer**

Tarcísio Vanderlinde<sup>1</sup>

***“Que nos seja outorgada a qualidade de  
homens livres por havermos sido redimidos  
por Cristo, nascido livre, segundo as  
Escritura”  
(Doze Artigos)***

O presente artigo volta-se a uma reflexão sobre Thomas Müntzer, o *rebelde in Christo*. Três visões, três formas de ver o líder carismático são aí apresentadas. Trata-se de apresentar um balanço historiográfico sobre Müntzer na

ótica de Hugo Echegaray, Martin Dreher e Ernest Bloch. A Alemanha do início do século XVI, a Guerra dos Camponeses e a Reforma Protestante são os cenários onde se desenvolvem as ações do profeta.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social pela UFF.

**AS VISÕES SOBRE O PROFETA**

Quantas visões serão possíveis de se construir em torno de Thomas Müntzer? Talvez tantas quantas forem as ênfases dos que se dispuseram a escrever sobre ele. Há histórias apaixonadas como a que escreveu Ernest Bloch. Existem relatos, porém, mais criteriosos, que perseguem com cautela o que “pode efetivamente ter acontecido”. Ao ler o relato de Hugo Echegaray, constata-se que o sacerdote católico dialogou com historiadores que, vivendo em períodos diferentes da história, tinham algo peculiar a dizer sobre Müntzer, inclusive ele mesmo. Le Febvre, Lutero e o próprio Ernest Bloch foram alguns dos interlocutores de Echegaray. Seria possível chegar a uma conclusão que fosse considerada a mais verdadeira? Não foi essa a minha pretensão, até porque se sabe de antemão que isso é um tanto difícil, quando não poucas vezes impossível. Porém, numa orientação expressa por Peter Burke,<sup>2</sup> é possível através de *rodeios*, cruzamento de relatos, interpretações e análise de documentos da época, construir um relato que, na visão deste autor, seria adequada para o início do século XXI. Outros autores e mediadores poderão também ter pensado de forma semelhante. O que se espera no mínimo, é que os destaques, recortes e análises que vierem a ser feitos não reduzam a história do rebelde *in Christo*.

Müntzer viveu num tempo delicado em que os pobres clamavam por justiça e se posicionou radicalmente a partir de suas idéias e convicções. Foi até a morte por causa disso. Alguma coisa precisava ser feita por aqueles

---

<sup>2</sup> BURKE, Peter. “Cultura Popular na Idade Moderna”.. In: *Variedades em história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

camponeses. Muntzer achou que poderia contribuir com a visão messiânica da qual acreditava estar comissionado. Há os que ficam sensibilizados quando lêem a história de um personagem que foi até as últimas conseqüências pelas suas idéias. Há também quem acredite que tudo possa ser visto com maior e cautela, o que seria uma postura mais adequada ao historiador. Há enfim, os que reduzem o acontecimento a algo irrelevante, onde existiu um personagem que acabou sendo refém e vítima de seu próprio fanatismo.

As fontes mais preciosas para construir um relato sobre Müntzer talvez sejam os textos de época, como os panfletos escritos por Lutero e o próprio Müntzer. Outros documentos também poderão conter informações preciosas, como é o caso das contribuições de Melanchton, espécie de escriba talentoso e um dos auxiliares mais qualificados de Lutero.<sup>3</sup> A conjuntura que envolve especificamente a situação camponesa da época pode ser perseguida a partir de uma análise dos *Doze Artigos*. Enfim, são muitos os vestígios escritos no século XVI relacionados à Guerra dos Camponeses que podem ser recuperados e servem de fontes primárias para a discussão e reflexão na atualidade.<sup>4</sup>

A história de Müntzer continuou recebendo atenção de teólogos, historiadores e outros pesquisadores durante o século XX e continua gerando discussões no início do século XXI. Não será fácil encontrar uma conclusão “plausível” para a história de Müntzer. Optei por abordar a questão a partir de uma tripla visão. Início com a visão libertadora do sacerdote católico Hugo

---

<sup>3</sup> Philipp Schwarzerd Melanchthon, redigiu em 1521, o primeiro relatório sistemático da teologia da Reforma (*Loci Communes*). Preparou o texto da Confissão de Augsburg em 1530. Chefiou o movimento luterano após a morte de Lutero, adotando um posicionamento mais humanista, o atraiu críticas dos luteranos rigorosos. Suas atitudes de universitário valeram-lhe o título de *Praeceptor Germaniae*. Cf. verbete da *Grande Enciclopédia Larrousse Cultural*, 1998. Uma análise recente sobre o grande cooperador de Lutero, pode ser encontrada na revista *Lutherische Monatshefte*. Fevereiro de 1997.

<sup>4</sup> Um exemplo disso pode ser visto nas diversas introduções e comentários destinados aos principais documentos apresentados na seção *Guerra dos Camponeses*, das obras selecionadas de Lutero, v. 6.

Echegaray, para abordar na seqüência a versão luterana do teólogo Martin Dreher. Concluo com a visão revolucionária do sociólogo Ernest Bloch.

## A VISÃO LIBERTADORA DE HUGO ECHEGARAY<sup>5</sup>

2264 É no contexto de uma visão de libertação, antitética às concepções teológicas de Lutero, que Hugo Echegaray constrói sua reflexão sobre Thomas Müntzer. A reflexão de Echegaray se insere nas discussões sobre teologia da libertação da América Latina na segunda metade do século XX. O cenário escolhido pelo autor foi o período da rebelião camponesa na Alemanha. O movimento de rebeldia havia começado na Boêmia por volta de 1520, explodindo efetivamente em 1525 e estendendo-se à Alemanha como uma mancha de tinta. Em Zwickau, os artesãos e operários das minas de prata da região pegaram em armas para tentar estabelecer o reino de Cristo com o mando de um espiritual líder carismático, o sacerdote Thomas Müntzer.<sup>6</sup> Echegaray apresenta, em seu relato, duas versões sobre origem e atuação de Thomas Müntzer. Segundo um deles, atribuído a Norman Cohn, Müntzer teria nascido em Stolberg da Turíngia, em 1488 ou 1489. Não teria nascido na pobreza como alguns relatos freqüentemente afirmaram, mas num ambiente remediado. Quando se apresentou pela primeira vez em público, não se teria colocado nem como

---

<sup>5</sup> O editor informa que Hugo Echegaray nasceu em Lima, Peru, em 1940. Estudou na Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional Maior de São Marcos e na Pontifícia Universidade Católica do Peru e foi membro da União Nacional de Estudantes Católicos daquele país. Depois formou-se em filosofia na Universidade Católica de Louvain e em teologia na Faculdade de Teologia de Lyon. Ordenado sacerdote em Lima, foi assessor da União Nacional de Estudantes Católicos e professor de teologia na Pontifícia Universidade Católica do Peru e no Instituto Superior de Estudos Teológicos. Ao mesmo tempo dedicou-se a assessorar a reflexão pastoral e teológica de muitas comunidades cristãs de base no Peru, e particularmente as comunidades de Vítarte (Lima). Também dirigiu a revista *Páginas*, onde publicou inúmeros artigos. Faleceu em Lima, depois de uma breve enfermidade, a 6 de abril de 1979. Os recortes e reflexões realizadas constam do seu texto *Utopia e Reino na América Latina*, no capítulo *Lutero e Müntzer: Duas Concepções Antitéticas do Processo de Libertação*, pp. 78-104.

vítima e nem como inimigo da injustiça social, mas como estudante eterno, extraordinariamente instruído ou profundamente intelectual. Depois de formar-se na universidade e ser ordenado sacerdote, levou uma vida agitada e incansável, procurando sempre lugares onde pudesse continuar seus estudos. Seu zelo pela leitura tinha um alvo: era dirigida à solução de um sério problema pessoal. Consta que Müntzer era uma alma atribulada, cheia de dúvidas sobre a existência de Deus, procurando obstinadamente a certeza – de fato estava no estado instável que freqüentemente termina em uma conversão.<sup>7</sup>

Já Walter Elliger, considerado por Echeagaray como o último estudioso da obra de Müntzer, traça um retrato diferente. Segundo ele, Müntzer não possuía formação bíblica séria. Após sua ordenação havia se convertido em discípulo de Lutero. É expulso de Zwickau em 1520, por Storch, partidário de Erasmo. Retirando-se para Praga, formulou aí seu programa teológico e profético, no documento conhecido como *Manifesto de Praga*. Depois será encontrado em Allstadt onde casa e desenvolve um ministério de pregação e catequese entre os pobres. Ocupa-se em traduzir textos bíblicos e prega um cristianismo comprometido. Suas diferenças com Lutero se desenvolvem não apenas por sua vinculação ao agitado movimento dos deserdados do campo ou da cidade. Para a sensibilidade de Müntzer, a fé é algo difícil porque exige obras. Segundo Elliger, Müntzer não esteve na origem do movimento camponês, e não se pode em caso algum atribuir a ele a responsabilidade pela sublevação. As causas do movimento teriam sido bastante complexas e Müntzer não teria sido mais do que seu intérprete cristão. Vinculado às vicissitudes do momento, Müntzer anuncia uma nova ordem social vinculada ao evangelho e reforça a inspiração religiosa

---

<sup>6</sup> ECHEGARAY, Hugo. *Utopia e Reino na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 1989, p. 86.

<sup>7</sup> COHN, 1972, apud ECHEGARAY, 1989, p. 87

da insurgência política tentando, a partir dela, uma nova aproximação à palavra mobilizadora do evangelho.<sup>8</sup> Em Müntzer se delineará uma visão enobrecida da humanidade dos pobres, eles que passaram mal, que sofreram, que não vivem da avareza, nem da luxúria como os príncipes, e porque desprezam os bens deste mundo, são os que preparam um novo mundo.<sup>9</sup>

O artigo 3º das reivindicações camponesas expressava *“que nos seja outorgada a qualidade de homens livres por havermos sido redimidos por Cristo, nascido livre, segundo as Escrituras”*. Sob a liderança de Müntzer, eles colocam em ação a meta distante do reino e a transformam em princípios socialmente críticos às teses que Lutero havia reservado ao domínio da consciência. Esse é o sentido do artigo mencionado. Para eles, confinar a liberdade ao mero domínio da consciência, além de impossível, é renunciar por completo à liberdade. A liberdade, portanto, não admite as dicotomias pregadas por Lutero. Se aspira ser verdadeira, isso implica, para Müntzer e os camponeses, que deve transformar-se em reestruturação social e projeto coletivo.<sup>10</sup> Na liberdade de consciência e na lógica da total distinção entre os dois reinos, o temporal e o espiritual, Lutero exortará os príncipes a afogarem o rebelião em um banho de sangue, apelando à paz e à ordem necessárias para a expansão da Igreja reformada, justamente a paz e a ordem que Müntzer condenava.<sup>11</sup>

Echegaray faz um balanço do saldo da confrontação teológica e política entre Lutero e Müntzer. Segundo ele, ambos os reformadores coincidiram em um postulado de inegável importância teológica, que é a da transcendência da fé. Só que cada um deles, em nome do mesmo princípio, chega à conseqüências

---

<sup>8</sup> ELLIGER, 1975, apud ECHEGARAY, 1989, pp. 87-88.

<sup>9</sup> ECHEGARAY, op. cit p. 89.

<sup>10</sup> Ibidem., p. 90.

<sup>11</sup> ibidem., p. 94.

opostas. Lutero, na sua convicção acaba adotando uma postura de legitimação da opressão política. Apoiando-se no mesmo postulado, Müntzer se opõe a ela e a combate ativamente. A coincidência em um postulado teológico não suprime essa radical diferença. Enquanto Lutero se apóia na autoridade feudal, Müntzer une-se ao movimento camponês e perece com ele em Mühlhausen em 1525. No caso de Lutero, a transcendência da fé a exonera de perceber as articulações necessárias com a estrutura da sociedade civil. Cada um move-se num campo próprio e autônomo. No caso de Müntzer, a mesma transcendência afirma-se como juízo condenatório de um universo social com o qual a fé não é compatível. Lutero e Müntzer, enfim, vivem e anunciam a fé a partir das zonas contrapostas do campo social, que os leva a tirar conclusões de um mesmo e fundamental enunciado teológico.<sup>12</sup>

Echegaray acrescenta que a antropologia de Müntzer difere da de Lutero em aspectos importantes. A unidade da liberdade que não admite fracionamento, é um deles. E também a necessidade de obras. Para Müntzer, o princípio da fé como critério único torna muito fácil a salvação, tirando-lhe toda a incidência crítica no interior do processo social. Müntzer fala de Cristo vivo que se prolonga nos escolhidos para levar a cabo a passagem da história ao Reino do Espírito Santo. Para Müntzer, a participação do homem na tarefa da salvação tem um caráter ativo e militante. Echegaray observa, no entanto, que é possível encontrar em Müntzer uma dificuldade análoga para situar o papel da humanidade de Jesus na obra libertadora.<sup>13</sup> Numa espécie de síntese do embate entre os dois teólogos, Echegaray observa que

---

<sup>12</sup> *ibidem.*, p. 96.

<sup>13</sup> *ibidem.*, p. 101

“De uma mesma maneira de abordar o tema da salvação como graça ou como espírito, e de um idêntico pessimismo histórico, ambos - Lutero e Müntzer - tiraram conclusões opostas. O legado da fé pode agir como fator político estabilizador do poder dominante ou como fonte de enfrentamento radical quando a fé se liga ao destino das massas. O esforço desenvolvido por Lutero no sentido de despolitizar a fé, rompendo com Roma pode dar as costas ao conteúdo concreto do contexto social real, produz uma nova forma de politização: a fé será vítima do sistema dominante. Quanto a Müntzer, sua versão do profetismo representa uma tentativa de chegar a um comportamento político radical a partir apenas da interpretação religiosa. Sua ação é levada a cabo em nome de princípios não suficientemente confrontados com critérios políticos e transformam-se assim em inflexibilidade que leva ao fracasso. A posição de Lutero de considerar autônoma a esfera política é certamente mais moderna. Müntzer move-se ainda em um universo cultural no qual a política se rege pela fé: o velho ideal de cristandade em que a vida terrena e a celeste confundem suas fronteiras. O paradoxo é que Lutero chega a uma posição política reacionária a partir de uma teoria moderna do Estado-Nação, enquanto Müntzer, baseando-se na concepção medieval do mundo, transforma-se em gesto de um movimento revolucionário. Lutero tenta despolitizar teologicamente a religião, mas não consegue na realidade. Müntzer em contrapartida, tenta agir, ainda que apenas no nome da fé, desencadeando a força do mito social das massas expectantes, mas o faz ignorando a consciência objetiva do aspecto político. Para ele, o poder não tem outro objetivo a não ser o religioso, ainda que este seja opor-se à desordem estabelecida, e subentenda uma nova configuração social. Em ambos os casos, contudo, tanto em Lutero como em Müntzer, o anúncio da salvação terá significação política, prática e teórica, inclusive se, como no caso de Lutero, se nega à fé uma dimensão política.”

2264

Echegaray ainda discute outros aspectos não menos relevantes no embate político-teológico entre Lutero e Müntzer. Os pontos em comum não separaram menos os dois beligerantes. Para Echegaray, o problema estaria vinculado à dimensão política da fé. Os dilemas entre a dimensão espiritual e temporal parecem aflorar aí. O autor lembra que, em cada conjuntura histórica, a fé adquire uma significação política variável na qual está em jogo o mais central de sua própria mensagem: sua maneira de expressar a Deus e ao homem, a salvação, o pecado e a libertação. A fé age como força mobilizadora em um e outro sentido e em função de seu próprio conteúdo, ao ser retomada por

determinados setores sociais. A Reforma nos ajuda a perceber claramente o problema, ao mesmo tempo em que levanta problemas novos.<sup>14</sup>

#### A VISÃO LUTERANA DE MARTIN DREHER<sup>15</sup>

19689 É no contexto das controvérsias entre Lutero e Müntzer e da reforma religiosa do século XVI que Martin Dreher faz suas considerações sobre quem considera um dos personagens mais controvertidos daquele tempo. Ernest Bloch, Hans-Jürgen Görtz e Paul Althaus constituem alguns dos interlocutores que fundamentam a reflexão de Dreher. É de Bloch que empresta a informação de que Müntzer é, antes de mais nada, história em seu sentido fértil – *ele e o que é seu e tudo o que é passado e que valha a pena ser anotado está aí para nos comprometer, para nos entusiasmar e fortalecer sempre mais o que continuamente se dirige a nós*. Por outro lado, informa que Althaus vê em Müntzer o lúgubre fervor das idéias teocrático-taboritas, que ligavam o profeta à “exasperação dos camponeses”, confrontadas com a “pureza ética” do posicionamento de Lutero na Guerra dos Camponeses. Müntzer teria atraído alguns e recebido o desprezo de outros. Quanto a Görtz, reconhece que os historiadores que procuram esclarecer e justificar os posicionamentos de Lutero na Guerra dos Camponeses têm pouca simpatia pelos posicionamentos de

---

<sup>14</sup> Ibidem., pp. 103-104.

<sup>15</sup> Martin Dreher fez seus estudos teológicos em São Leopoldo/RS e em Munique, Alemanha, onde se doutorou em Teologia defendendo a tese *Igreja e Germanidade. Estudo Crítico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. Pastor e professor de História, atuou em paróquias da IECLB e na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo. Suas publicações estão mormente dedicadas à História da Reforma no século XVI e à História do Protestantismo e da Imigração Alemã no Brasil. Membro da Comissão de Estudos da Igreja na América Latina, é também integrante do Instituto Histórico de São Leopoldo e da Comissão *Obras de Lutero*. Atualmente é professor no Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos e pastor em São Leopoldo. Uma visão Luterana sobre Thomas Müntzer pode ser encontrada em outros autores, como Walter Altmann, Marc Lienhard e Carter Lindberg. Digno de nota são os comentários

Müntzer. Este teria sido o motivo de Lutero ter sido triturado no confronto entre as correntes marxistas. Müntzer, por seu lado, teria caído no moinho das discussões entre cristianismo e marxismo, o que teria tido conseqüências funestas para a interpretação de seus escritos. Normalmente a teologia cristã não se sente atraída pela revolução, enquanto que o marxismo pouco consegue fazer com a teologia. Müntzer, no entanto, parece ter sido as duas coisas: *revolucionário e teólogo*. Dreher destaca as dificuldades de coadunar a argumentação teológica de Müntzer com sua agitação revolucionária. *Alguns acabam não entendendo Müntzer porque não querem compreender sua revolução; outros não o entendem porque não querem compreender sua teologia*. Müntzer teria sido um homem que procurou fundamentar teologicamente a revolução num momento em que a Igreja vivia sua crise e sua renovação.<sup>16</sup>

1277 Dreher informa que é impossível falar de Müntzer sem falar de Lutero, e que não há razões para duvidar da sinceridade de Müntzer em abraçar inicialmente a causa luterana. De 1517 a 1520 Müntzer teria abraçado a fé luterana, tendo sido indicado por Lutero em 1520 para ser pregador do Evangelho na cidade de Zwickau. Influenciado por leituras de místicos alemães, Müntzer teria sido marcado profundamente por essas leituras, que acabaram preenchendo o que lhe faltava em suas lutas interiores. Além disso, teria sido influenciado por uma espécie de cristianismo leigo, fácil de ser detectado na Idade Média Tardia. Num desses grupos, na cidade de Zwickau, Müntzer teria

---

feitos por Ricardo Rieth, sobre a Guerra dos Camponeses, comentários que se encontram no volume 6 das Obras Seleccionadas de Martinho Lutero.

<sup>16</sup> DREHER, Martin N. *A crise e a renovação da Igreja no período da reforma*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996, p. 79.

estado em contato e sido influenciado com a linha taborita dos hussitas.<sup>17</sup> Eles pretendiam erigir o Reino de Deus, eliminando todos os não-crentes. Müntzer teria adotado este cristianismo e a idéia da concretização do Reino de Deus, difundida pelos taboritas. Tudo indica que Müntzer ter-se-ia sentido chamado para fundar a *Nova Igreja Apostólica*.<sup>18</sup>

2264 Diante da conceituação luterana que se expressa por uma Igreja visível e invisível e que admite ao lado da invisível, a existência autônoma do Estado, Müntzer apresentava uma visão bem diferenciada. Para ele, Igreja é a comunhão dos eleitos, através da experiência direta do Espírito e da vontade de Deus, e o estado final perfeito da humanidade, sem instituição estatal, sem propriedade, realizado aqui na terra e que conclui ou encerra a história que até aqui ocorreu. Igreja seria o Reino de Deus implantado de maneira definitiva. Para ele, Igreja é, primordialmente, uma categoria sociológica para a vida humana em comunhão. Ele teria visto essa nova realidade social concretizada na comunhão sem classes e sem propriedade privada da comunidade cristão primitiva de Jerusalém. Segundo Dreher, esse conceito eclesiológico de Müntzer foi um dos motivos que levou seu rompimento com Lutero.<sup>19</sup>

Já sob inquérito, para apurar denúncias sobre seu suposto incitamento da queima de uma capela em Allstedt, onde existia uma imagem de Maria, Frederico, o Sábio, enviou seu irmão, João e seu filho para aquela cidade, para ouvirem um dos inflamados sermões do pastor. Seu sermão foi baseado em

---

<sup>17</sup> Os hussitas seguiam orientação de João Huss, um dos precursores da Reforma que, acusado de heresia é julgado e condenado no Concílio de Constança em 1415. Morreu na fogueira cantando salmos no dia 6 de julho daquele ano. Gonzalez destaca que além dos nobres havia os professores da universidade, e alguns pregadores de Praga, que eram os verdadeiros seguidores de Huss. Distante da capital existiam movimentos populares de origens obscuras que se opunham à Igreja estabelecida. O principal era a comunidade de *Monte Tabor*, os *Taboritas*. Suas doutrinas se baseavam num milenarismo “exagerado”. O fim estava às portas. Então Jesus Cristo castigaria os ímpios, e exaltaria os eleitos. Cf. em *A Era dos Sonhos Frustrados* da coleção *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. V. 5 de Justo Gonzalez. pp. 93-109.

<sup>18</sup> Op. cit., p. 81.

Daniel 2, que para ele poderia ser considerado um resumo de sua teologia e foi um recado corajoso e ousado ao rei que tinha ali presente sua representação. O texto trata do sonho de Nabucodonosor e da interpretação apresentada por Daniel.<sup>20</sup> Neste texto, Müntzer encontrou sua visão de história e também sua própria situação. De um lado encontrava-se o governante Frederico, o Sábio, um Nabucodonosor, homem sem muita segurança, cujos conselheiros, Lutero entre eles, não conseguiam mostrar o caminho a ser seguido, pois não criam na inspiração direta do Espírito, tendo para oferecer apenas interpretações não inspiradas na Escritura. Do outro lado, aparece Müntzer, um Daniel, que em contato direto com a revelação, estava qualificado a dar a interpretação correta da situação histórica que se atravessava. É possível perceber aí a visão messiânica de Müntzer. Dreher detalha o sermão de Müntzer e destaca que nele o pastor reúne sua teologia do espírito com sua visão de história, chegando a uma aplicação político-revolucionária. Com ousadia e autoconfiança, Müntzer convoca os príncipes saxões a assumirem a causa da “pedra” que está destruindo a estátua. *Por isso estimados príncipes da Saxônia, firmai-vos com decisão sobre a pedra angular e buscai a verdadeira firmeza proporcionada pela vontade divina. Porque Deus está tão próximo de vós, que não o podeis crer. Por que haveríeis de vos horrorizar ante o fantasma do homem?* A conclusão de

---

<sup>19</sup> Ibidem., pp. 82-83.

<sup>20</sup> Segundo o relato apresentado por Daniel, os sábios haviam falhado e não conseguiram dar ao rei o conteúdo e a interpretação do sonho. Daniel é chamado, e diante do rei não só narrou o sonho como também o interpretou. Em seu sonho o rei vira uma estátua, cuja cabeça era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro, os pés parcialmente de ferro e barro. Sem auxílio de mão humana desprende-se de uma montanha uma de pedra, atinge a estátua em seus pés de ferro e barro, fazendo com que desmorone, e seus pedaços são espalhados pelo vento. A pedra que destruíra a estátua, transformase em grande montanha e enche toda a terra. Daniel interpreta: haverá quatro períodos na história em que tudo pioraria. Os períodos se referem aos reinos babilônico, medo, persa e grego. O último é um reino dividido, que não pode permanecer unido. Nesse momento encerra-se a seqüência dos reinos universais. Deus então suscita um reino que destrói todos os demais e permanece eternamente. Ao ouvir a interpretação de Daniel, Nabucodonosor louvou o Deus de Daniel como Deus dos deuses e Senhor dos reis e pôs Daniel sobre todos os sábios e deu-lhe o governo da província de Babilônia. A pedido de Daniel, seus

Dreher é que Müntzer queria revolução e não a evolução pregada por Lutero. O fim da velha Igreja não deveria ser confinado apenas à palavra. Finda a velha Igreja, deve surgir uma nova ordem social. Seu sermão foi publicado suscitando pronunciamento de Lutero através da *Carta aos Príncipes da Saxônia a Respeito do Espírito de Reboldosa*. A carta comprova claramente o afastamento de Lutero do cristianismo espiritual de Müntzer e seu espírito revolucionário. A ruptura entre os dois teólogos foi definitiva.<sup>21</sup>

Segundo Dreher, o rompimento com Lutero trouxe descrédito para Müntzer como pastor. Müntzer se volta nesse momento para a incipiente revolta camponesa. Os camponeses estavam agitados e se organizando. Neles Müntzer viu o sinal dos tempos. Era o sinal para edificar a Igreja espiritual e eliminar os ímpios. Na Turíngia, Müntzer ter-se-ia se tornado o mais importante agitador e pregador dos camponeses. Faltava-lhe, porém, conhecimento militar e político. Liderou os camponeses na batalha de Frankenhausem levando oito pequenos canhões sem munição. Dreher relata os momentos decisivos da batalha:

“Ao invés de munição, Müntzer ordenou que os camponeses ostentassem uma espada e uma grande bandeira de seda branca. Sobre a bandeira estava desenhado o arco-íris, sinal da aliança de Deus com os eleitos. Antes da batalha, os príncipes exigiram que Müntzer lhes fosse entregue. Se assim procedessem os camponeses não haveria batalha e eles poderiam voltar para casa. Müntzer negou com veemência. Os camponeses não o entregaram. Durante a pregação apareceu no céu, o arco-íris. Era o sinal da presença de Deus. Os camponeses começaram a cantar: *Veni, sancte spiritus*. Na batalha foram mortos cinco mil camponeses e seis soldados das tropas dos príncipes. Müntzer foi aprisionado, torturado e decapitado em 27 de maio de 1525”.<sup>22</sup>

2264

---

amigos foram colocados no governo da província e ele permaneceu na corte do rei Cf. A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1981, pp. 1180 - 1181.

<sup>21</sup> DREHER, op. cit., pp. 84-91.

<sup>22</sup> Ibidem., pp 91 - 92.

Ao concluir seu relato, Dreher faz, segundo sua ótica, uma síntese do pensamento de Thomas Müntzer:

“Sabendo-se ensinado por Deus, Müntzer viu que a estrutura social e de domínio de sua época carecia de mudanças radicais. Ele sabia que a pessoa chamada à fé está inserida e submetida a estruturas da sociedade. Nesta sociedade valem lucro, ganho, honra, glória. São coisas que competem somente a Deus. Esta sociedade é contra Deus. A ‘fé poesia’ que Müntzer encontra tanto na Igreja romana como em Lutero e seus seguidores legitima a situação de poder e de sociedade existente. Müntzer viu como, em sua sociedade, o Estado ajudou a Igreja e como a Igreja ajudou o Estado, um legitimando as atrocidades do outro. Por isso ele era anticlerical. Era também contra o Estado existente. Müntzer viu-se diante da necessidade de estourar com a ideologia da cristandade. Igreja e Estado estavam impedindo a verdadeira Reforma. Para ele, quando ocorre a ‘conversão’ interna, provocada por Deus diretamente no indivíduo, tem que ocorrer a ‘conversão’ externa. À revolução no indivíduo, que é a mudança provocada por Deus nele, quando fala a ele diretamente pelo Espírito, corresponde a revolução, a mudança na sociedade, na Igreja. A realidade de seu tempo, porém, era a de que a Igreja, ligada ao Estado, estava impedindo a ‘conversão’ do indivíduo. Impedia, com isso, também a mudança, a ‘conversão’ externa. Para Müntzer conversão interna e conversão externa estão intimamente ligadas. Somente o ‘eleito’ está realmente em condições de mudar o mundo e de chamar outros para mudarem o mundo. Com essa mudança surge o Reino de Deus. O Reino de Deus no mundo, contudo, vem do Reino que está no coração do ser humano. Com isso, o discipulado é um ato místico-revolucionário. O caráter individual da conversão interna não leva a um apoio das estruturas externas ou a um indiferentismo em relação a elas, mas à conversão das mesmas”.

2264

Dreher admite que a proposta de Müntzer é *bela: conversão interna leva à conversão externa*. Aponta, porém, fatores não teológicos que teriam levado ao fracasso a experiência do pastor. Müntzer não teria entendido o evangelho como possibilidade de vida mas como exigência de Deus. O conceito de graça não é essencial para Müntzer. *Evangelho era para Müntzer a luta contra o pecado no interior e no exterior*. Müntzer teria absolutizado o traço negativo da interpretação bíblica do mundo e não teria levado em conta que *Deus também amou o mundo, aceitando-o em seu filho*. Com isso, o pastor não teria conseguido perceber a

realidade social sob o aspecto da liberdade que Deus dá, *liberdade esta que quer levar a uma libertação abrangente do ser humano*. Na percepção de Dreher, Müntzer quis unir mundo e Reino de Deus, situação que o teria feito fugir à realidade. Não conseguiu libertar os camponeses da servidão e tampouco mostrar a eles um caminho para a libertação. Equivocou-se ao pregar sobre o Reino vindouro. Anunciou juízo e não soube falar da graça de Deus. Dreher ainda acrescenta que os fatos ligados a ele e à sua maneira peculiar de fazer teologia não podem ser considerados como episódicos, pois *em muitos sentidos tornaram-se paradigma para o discurso teológico de várias formas de reavivamento religioso*.<sup>23</sup>

#### A VISÃO REVOLUCIONÁRIA DE ERNEST BLOCH<sup>24</sup>

2264 O relato de Ernest Bloch sobre Thomas Münster é, sem sombras de dúvidas, o mais instigante que selecionei. Numa visão utópica, ele constrói em Müntzer um precursor, um herói para a revolução socialista.<sup>25</sup> É um relato que, para a historiografia, pode ser considerado um documento precioso. É nítida a

---

<sup>23</sup> Ibidem., pp. 92-93

<sup>24</sup> Segundo nota do editor, Ernest Bloch é um dos três nomes máximos da sociologia clássica alemã, no que ela tem de mais afim com a filosofia social, ao lado de Georg Lukás e Max Weber, de quem os dois primeiros foram alunos em Heidelberg e ao qual abandonaram, por caminhos diversos. O texto que serve como base para a reflexão foi publicado pela primeira vez em 1921 e é considerado a primeira monografia de monta sobre Müntzer desde 1842. A edição, que é de 1973, contém algumas documentações puramente fáticas, de acordo com os estudos em curso sobre Müntzer, na época da publicação. Com algumas modificações, o texto mantém-se inalterado como uma obra de juventude com conteúdo significativo. É um apêndice ao *Geist der Utopie*, publicado em 1918 e, posteriormente em 1923.

<sup>25</sup> Lindberg informa que o estímulo moderno à pesquisa em torno de Müntzer veio de historiadores marxistas influenciados pela reinterpretação proposta por Friedrich Engels, para quem o pastor era um teólogo que pregava a libertação da opressão social e política. Em um panfleto preparado para o quinto centenário de seu nascimento em 1989, um comitê na ex-Alemanha Oriental escreveu o seguinte: *a República Democrática Alemã tem se compreendido a si mesma como um Estado que vive de acordo com a idéia de Thomas Müntzer segundo a qual 'o poder é dado à gente comum'. Na condição de homem que lutou com sacrifício próprio e dedicação pelo objetivo de construir uma nova sociedade em defesa dos interesses do povo comum, o exemplo de Müntzer demonstra valores éticos e morais que ainda produzem frutos na criação dos fundamentos do socialismo* (Lindberg, 2001, p. 174).

influência, no seu relato, de Friedrich Engels e do estudioso da questão agrária, Karl Kautsky. Ao mesmo tempo, dirige pesadas críticas a um texto escrito por Melanchton, possivelmente autor da primeira biografia escrita sobre Thomas Müntzer. Segundo Bloch, Melanchton, na defesa da fé luterana, teria subvertido a verdadeira história do pastor, com um relato *sectário, às vezes conscientemente mentiroso e quase sempre inutilizável*. Bloch dedica todo um capítulo da obra a comentar fontes, biografias e novas edições sobre a vida de Thomas Muntzer. Embora, no decorrer do texto, o leitor encontre um pouco de dificuldade em localizar as referências, o capítulo mencionado pode ser considerado relevante, à medida que informa o leitor sobre inúmeras possibilidades de garimpar sobre a vida do *rebelde in Christo*. Além das formalidades de um texto acadêmico, o livro de Ernest Bloch é dividido em duas partes. A primeira é dedicada à vida de Thomas Müntzer e a segunda à direção da prédica e teologia do pastor. Na primeira parte, entre outros assuntos, Bloch ressalta aspectos relacionados ao nascimento, influências, peregrinações, litígio e exílio na vida de Müntzer. Diversos documentos de época recebem aí atenção. O resultado da Revolução e a atualidade de Müntzer são especialmente lembrados e analisados nessa parte. Na segunda parte recebe atenção, reflexões em torno de temas sobre o direito da força e do bem, digressões sobre o compromisso eclesial entre o mundo e Cristo e o homem absoluto diante dos caminhos da ruptura. Seus tradutores destacam que o leitor encontrará, ao longo das páginas, um grande esforço de tradução das palavras majestosamente barrocas, seiscentistas que chegam a assemelhar-se às do Padre Antônio Vieira. Não há porque não admitir encontrar-se diante de um texto erudito, brilhante e poético. É preciso ter cautela para não deformar a mensagem a partir dos

recortes que se resolver fazer na apreensão da obra. Nos momentos introdutórios do seu texto, Bloch adverte:

“Sempre queremos permanecer em nossa própria circunstância. Assim também não olhamos, aqui, de nenhum modo, para trás. Pelo contrário, engajamo-nos no passado enquanto ele é presente. E, deste modo, outros se transformaram, os mortos retornam, seu gesto revive ainda em nós. Müntzer sucumbiu de maneira mais brusca, embora tivesse almejado o que há de mais grandioso. Quando o analisamos enquanto homem de ação, ressaltam nele o presente e o absoluto, numa perspectiva mais altaneira e mais ampla que numa experiência demasiado vivida, e apesar disto, com vigor idêntico, Müntzer é, antes de tudo, História no sentido fecundo; seu presente e seu passado merecem a lembrança, lá permanece ele para comprometer-nos, entusiasmar-nos, para apoiar, sempre mais amplamente, nosso desígnio. (...) Os mortos retornam, como num novo gesto, assim em significativo contexto, portador de novas descobertas, e a compreendida História, formada sob o influxo impulsionador de idéias revolucionárias, transformada e iluminada em lenda, torna-se uma função que não se perde, na plenitude dos seus testemunhos, enunciados pela Revolução e o Apocalipse”.<sup>26</sup>

2264

Na visão de Bloch, Müntzer tem uma infância difícil, experimentando, desde cedo, todas as amarguras da vergonha e da injustiça. Praticamente abandonado, cresceu como filho único de gente pobre. Cedo perdeu seu pai que segundo consta, teria acabado numa forca, vítima de arbitrariedade do Conde. Sua mãe maltratada, foi expulsa da cidade, porque estava na miséria. Essas experiências iniciais teriam grande impacto na vida de Müntzer. Suas pregações eloqüentes como sacerdote começaram cedo. Sua paixão intelectual o fizeram voltar para leituras de Eusébio, São Jerônimo e Santo Agostinho. Consta que, no início de sua carreira sacerdotal, Lutero teria tido uma boa impressão de Müntzer, mas que este, por sua vez, já então entregue a reflexões mais profundas, não teria tido um sentimento recíproco. Lutero, no entanto, o convidou para trabalhar em

---

<sup>26</sup> BLOCH, Ernest. *Thomas Müntzer, teólogo da revolução*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo universitário, 1973, pp. 1-7.

Zwickau, onde ele se tornaria capelão e pregador, uma cidade que, na observação de Bloch, *desde muito minada pelos inspirados*. Mais tarde, expulso da cidade, produzirá em Praga um manifesto que assustará Lutero. Sua heresia provocará perseguição. Logo surgirá como um comunista revolucionário, quiliástico. No início do movimento teria escrito a um funcionário do Príncipe Eleitor: *Digo-vos que se deve prestar atenção muito intensa aos novos fatos do mundo atual. As velhas instituições não mais funcionam, de nenhum modo; pois não passam de espumas pretensiosas, como diz o profeta.*<sup>27</sup>

O confronto entre Lutero e Müntzer é, em muitos momentos, observado por Bloch. Segundo ele, teria sido Müntzer o primeiro entre os reformadores a celebrar o ofício divino totalmente em língua vulgar, já na Páscoa de 1523, o que teria suscitado a invejosa sabotagem de Lutero. Sendo o primeiro a rezar e a pregar em alemão, acalentava o desejo de que o povo não atribuísse às obscuras palavras latinas um outro poder mágico. Müntzer via em Lutero uma “fé fingida”, e o acusava de uma subserviência ao Estado que nele legitimava todo o rebaixamento espiritual na Alemanha. Segundo Müntzer, os pasquins luteranos haviam intimidado a comunidade e tornaram os opressores mais afoitos, *é necessário, do modo mais intenso, opor-se ao crescente mal, com o testemunho da destreza cristã*. Nos confrontos com Lutero, consta que Müntzer imprimiu, em Nuremberg, seu mais famoso panfleto: *Muito bem fundada Apologia e Resposta a esta carne sem espírito que leva boa vida em Wittemberg e que, virando tudo pelo avesso, truncando a Santa Escritura, enxovalhou de maneira tão desoladora a miseranda Cristandade*. Na versão de Bloch, Müntzer desmascara Lutero,

---

<sup>27</sup> Ibidem., pp. 9-18.

partidário dos príncipes, pronto a justificar a exploração e a tirania de classe, com a Sagrada Escritura.<sup>28</sup>

Ao nos deter na visão que Bloch teve sobre Müntzer, não se tenciona voltar a questões que foram abordadas pelos outros autores já destacados neste ensaio. Porém existem alguns pontos dignos de nota, e que são destacadas na visão do autor, vendo em Müntzer um precursor da revolução socialista. Uma dessas é que o pastor não teria liderado o início da rebelião camponesa. Bloch parece concordar com isso, porém, e numa influência das interpretações engelianas do conflito, expressa a atuação e influência de Müntzer na guerra:

“Assim, pois, Müntzer possivelmente apressou, ou mesmo organizou, a Revolução conforme Engels afirma, do Saxe e da Turíngia, até a Alsácia e a fronteira suíça, através da Francônia e da Suábia; porém já se erguiam as primeiras labaredas, poderosamente se expunha seu arco, da Suíça à Saxônia, centro mineiro por excelência, por isto proletário e arsenal; multiplicam-se profecias e glossolalias. Agora, a própria vida de Müntzer se converte em ação, na desesperada rebelião dos camponeses, na guerra por ele convocada, e à qual coloriu e orientou espiritualmente, em significativa escala; Müntzer, enquanto expressão e idéia, se determina, enfim, na sua plenitude, através do itinerário e desfecho, do conteúdo do conflito e da idéia da Grande Revolução Alemã ”.<sup>29</sup>

2264

Avaliando o desfecho final na Batalha de Frankenhausen, Bloch salienta que Müntzer morreu de uma difícil, amarga e precoce morte, sacrificado pelos inimigos do povo, *com olhar dirigido ao grande Algum Dia e a Deus, no abismo, que não abandonará seu povo*. Sua lembrança teria permanecido em discípulos secretos que o honravam como um homem piedoso, temente a Deus. Para seus discípulos, de seu espírito e palavra ninguém podia julgar. Bloch informa que, seis anos após sua morte, Lutero reconheceu que, em Muhlhausen, no local

---

<sup>28</sup> Ibidem., pp. 21-37.

<sup>29</sup> Ibidem., p. 43.

onde foi empalada a cabeça de Müntzer, *diz-se que os passos dos visitantes, habitantes da cidade estranhos, tão freqüentemente pisaram aquele solo, que quase se parece com uma via pública; e se os magistrados não interviessem, ter-se-ia venerado Müntzer como um santo*. Segundo conclusão de Bloch, Lutero teria tido remorsos ao saber da morte de Müntzer.<sup>30</sup>

Müntzer foi um profeta além da palavra. Não seria mera dissolução que queria apenas rasgar o Livro dos livros, como se faria mais tarde, igualmente a qualquer outro. Ao contrário, renunciava-se à interpretação filosófica mais próxima para assim poder assimilar o que *queria ser dito por trás*. Müntzer recomendava que não se deveria fazer como os astuciosos, que citam um dito aqui, outro lá, sem acentuar interpretação do espírito total da Escritura. Numa afirmação apologética, Bloch destaca que somente na mais profunda escuridão canta o rouxinol espiritual – só quem conseguiu perscrutar o espírito vê no testemunho vivo o Cristo, sem o qual ninguém seria capaz de falar tão profundamente de Deus. Só Müntzer se volta inteiramente e com desvelo a escutar a palavra que soa no oculto, e atendê-la.<sup>31</sup> A partir da prédica e teologia de Müntzer, Bloch ressalta que o conteúdo, em Müntzer, era o *reino de Deus na terra*:

“ na Bíblia figura este conteúdo, altamente adiado e enormemente afastado para o fim dos fins como uma Jerusalém celeste a cair na terra. Sobre isso diz Müntzer finalmente: ‘Deus quer realizar a transmutação nos últimos dias, para que seu nome seja louvado corretamente; ele quer libertar o mundo de sua vergonha e quer derramar Seu espírito sobre toda a carne pois *se a cristandade não devesse ser apostólica, para que se deveria então pregar?* Como a nós todos deve suceder no advento da fé que nós homens carnis nos tornaremos homens de Deus pela encarnação do Cristo, e portanto com Ele discípulos de Deus, por Ele orientados e divinizados. Como disse *antes completamente transformados, para que a vida terrestre se metamorfoseie em*

---

<sup>30</sup> Ibidem., pp. 75-76.

<sup>31</sup> Ibidem., pp. 190-193.

*céu*. A este mundo de fé soma a aurora do Apocalipse, e justamente no Apocalipse ele ganha sua última medida, o princípio metapolítico, meta-religioso de toda a revolução: a irrupção dos filhos de Deus”.<sup>32</sup>

2264

Este recorte parece revelar a síntese teológica e o pensamento de Müntzer na visão de Bloch. É a partir daí que, com habilidade, Bloch faz a conexão com os pressupostos marxistas e a intenção revolucionária. Na visão utópica de Bloch, unem-se finalmente marxismo e sonho incondicional no mesmo passo e na mesma cruzada, como força para a trajetória e fim de todas as redondezas em que o homem fora um ser pressionado, menosprezível, esquecido, como reconstrução do planeta Terra e vocação, criação, conquista do Reino. Bloch destaca que Müntzer, com todos os quiliastas permanece como o inovador nessa peregrinação tempestuosa. Afirma que não apenas irromperá vida nova na velha realidade, haverá mais coisas ainda:

“ há um campo aberto para trasbordamentos, abertos nos ficam o mundo e a eternidade, o novo mundo do calor humano e da ruptura, da luz que jorra efusivamente no íntimo humano. Agora tem que ser o tempo do Reino e para lá se dirigem os raios do nosso espírito, nunca de omissão e nunca decepcionado. Já houve bastante História Mundial, já houve demasiada contenção formal da cultura, pólis, obras, ofuscamentos, obstáculos: abertamente impõe-se uma outra e irresistível vida; esmaecem os bastidores do palco da história, do palco da pólis, do palco da cultura. E eis que aí penetra o esplendor da alma, das profundezas, de um céu de sonhos distendido e estrelado de solo a zênite. Desenrolam-se os verdadeiros firmamentos e ininterrupta desliza nossa estrada das decisões até aquele misterioso símbolo para o qual a terra, perscrutante e grave em suas penumbras, gira desde o princípio dos tempos”.<sup>33</sup>

2264

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

---

<sup>32</sup> Ibidem., p. 205.

97817 É com cautela que traço algumas considerações sobre este artigo. As visões que criei para discutir um pouco sobre a vida e obra de Thomas Müntzer não se esgotam aí. A partir da seleção que fiz, seria possível, e não menos interessante, falar sobre uma perspectiva messiânica em Thomas Müntzer. O messianismo tem largo espaço de reflexão na história e certamente o profeta rebelde não poderia ficar de fora.<sup>34</sup> O texto de Bloch, além de ser caracterizado como um manifesto revolucionário, é também utópico e permeado de elementos que denunciam o lado messiânico de Tomas Müntzer. No entendimento de Ivone Cecília D'Avila Gallo,

97817

“historicamente, os profetas representam em elo no seio de uma comunidade e agem como legítimos intérpretes dos desígnios de Deus, conhecedores dos arcanos divinos, aptos a ler a mensagem oculta nos fatos. Quando interpretam os acontecimentos, fazem-no por meio de uma linguagem metafórica e simbólica, em que as alegorias substituem, com sucesso, as regras discursivas correspondentes a um raciocínio lógico. As imagens contidas no discurso do profeta ampliam o sentido, da mensagem, quando o público, que ouve, atento, a sua fala, é capaz de visualizar os acontecimentos do futuro. Mas as prédicas não são palavras sem sentido, pois encontram um apoio nos ensinamentos do passado (a Escritura) e são essa memória e essa história que interferem na avaliação do momento presente”.

d11697817

0702 Gallo está se referindo à guerra messiânica do Contestado que ocorre no Brasil no início do século XX. O que diz dos monges protagonistas da guerra, também valem para Thomas Müntzer. Parafraseando a autora, Müntzer cumpriu uma missão política, ao seu modo, de acordo com sua história pessoal de vida, mas, entre ele e os antigos profetas, denuncia-se um elo cultural que os aproxima na linha temporal.<sup>35</sup> Essa discussão não se esgota porém tão facilmente. A intenção foi levantar algumas tópicos em torno dessa controvertida

---

<sup>33</sup> Ibidem., pp. 207-208

<sup>34</sup> No contexto da Reforma, Bernardo Campos discute uma Reforma Oficial e uma Reforma Radical. É na Reforma Radical que o autor insere a figura de Thomas Müntzer. De suas reflexões seria possível construir uma visão pentecostal do *profeta*. (CAMPOS, 2002, pp. 11-30.

figura histórica. Não tive a intenção de que as visões que inventei levassem necessariamente a uma conclusão. Os recortes que fiz sobre Thomas Müntzer, demonstram essa intenção. Poderíamos optar por uma conclusão simplificada e colocarmos as ações do profeta no contexto dos movimentos messiânicos percebidos no curso da história. Efetivamente o messianismo está presente, porém ver o movimento só por este prisma empobreceria as discussões e lições que se poderiam tirar daí. O artigo poderá ser considerado como um desencadeamento para este tipo de discussão. É inevitável que haverá diversos desdobramentos.

## BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Edições Paulinas, 1981.  
ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*. São Paulo: Ática, 1994.  
BLOCH, Ernest. *Thomas Müntzer, teólogo da revolução..* Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1973.  
BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna. In: *Variedades em história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.  
CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2002.  
DREHER, Martin N. *A crise e a renovação da Igreja no período da reforma*. São Leopoldo: Editora Sinodal.  
ECHEGARAY, Hugo. *Utopia e reino na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

---

<sup>35</sup> Cf. GALLO, Ivone Cecília D'Avilla. "O contestado e o seu lugar no tempo". In: *Tempo*, nº 11, julho de 2001, p. 154.

- GALLO, Ivone Cecília D'Avilla. "O contestado e o seu lugar no tempo".. In: *Tempo*, nº 11, Niterói: EDUFF, julho de 2001.
- GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- LIENHARD, Marc. *Martinho Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- LUTHERISCHE MONATSHEFTE. Hannover: Lutherisches Verlagshaus GMBH, 1997.
- RIETH, Ricardo W. Introdução à Guerra dos Camponeses. In: *Obras selecionadas*, 6. São Leopoldo: Editora Sinodal/Concórdia Editora Ltda, 1996.